

**ACREDITA NO
AMOR**

IRANA PURPLE



Editora Seshat
Editoraseshat.2025@gmail.com
[@2025](https://www.instagram.com/editoraseshat)

Todos os direitos relativos à comercialização, distribuição e promoção desta obra encontram-se reservados à

Editora Seshat.

[@2025](#) Irana Purple

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou de qualquer forma sem uma autorização do seu proprietário legal.

Título: Acredita no Amor

Autoria: Irana Purple

Design: Paula Domingues

Revisão: Diana Pinto


Paginação: Paula Domingues

Edição: Editora Seshat

Depósito Legal nº 551398/25

1ª edição, Setembro, 2025, por Editora Seshat





*“Fico em silêncio, fitando-o, perdendo-me nos seus
olhos verdes – e é tão bom perder-me, porque agora sei
que conseguirei reencontrar-me no mesmo lugar”*

CAPÍTULO 1

ARIANA COSME

— Ariana, acredita no amor.

Foram as últimas palavras que o Daniel me disse, antes de eu virar as minhas costas e abandoná-lo no Parque da Cidade, enquanto o sol brilhava no céu azulado sobre as nossas cabeças, num dia atipicamente soalheiro. Não foi uma súplica, mas sim um eco que ele quis produzir na minha mente, sabendo que eu iria partir o coração dele e deixá-lo. Digo isto porque o conheço e namorei com ele três meses.

Pouco tempo irá parecer, mas, para mim, que sinto dificuldades em entregar-me ao amor, revelou-se uma eternidade. Porém, ele conseguiu. O reflexo das suas últimas palavras impactou-me, como uma promessa de que irei pensar no que ele disse, nem que seja para eu enlouquecer, ou para eu chorar ainda mais, infelizmente.

Sozinha, caminho no parque verdejante, com suores frios, apesar do calor atípico da época invernal. Ainda as-

sim, o sol abrasador não se compara ao que eu sinto, e o que eu sinto é confusão, tristeza e dúvida, pois eu não sei se amo o Daniel, nem sei se sou capaz de o amar. (Sim, que péssima maneira de começar uma história.) Tenho dúvidas sobre os meus sentimentos relativos a ele, dúvidas se o amo ou não, e ele poderia culpar-me por eu, voluntaria ou involuntariamente, não acreditar no amor, bem como acusar-me por eu fazer-nos sofrer quase sem causa. *Quase*.

Atravesso a rua, a olhar para trás.

Não, ele não veio atrás de mim. Como eu anunciei, não se trata de uma súplica. Ao contrário, ele é mais forte e racional do que eu, pois a pessoa que está lavada em lágrimas sou eu, porque não acreditar no amor é uma das sensações mais dolorosas e frustrantes que existe. É como tentar subir a montanha e não conseguir.

É como tentar ganhar liberdade e ficar preso ao passado. E eu estou mais do que presa ao passado.

Acreditem.

Continuo o meu caminho e limpo as lágrimas no meu rosto gelado.

Antes do Daniel havia alguém, mas foi na Ponte D. Luís I que o meu antigo namorado faleceu. (Sim, que maneira cruel de começar uma história.) O nome dele era Simão, e depois de ele falecer por morte súbita, eu tive problemas com toda a gente e comigo própria, devido à frustração e à raiva. Nunca mais fui a mesma pessoa, sem-

pre mergulhada num mundo menos bonito, e ainda hoje tremo de angústia e dor só de pensar que não estive lá para ele e que não consegui salvá-lo.

Como se eu conseguisse salvá-lo.

Caminho mais depressa e entro no meu carro. Assim que vejo o meu reflexo, observo-me branca como a cal e considero-me um fantasma – considero-me ninguém.

Ariana, acredita no amor.

As palavras ecoam.

Saio outra vez do carro repentinamente, a correr, precipitando-me na direção que acabei de percorrer, por instinto, mas, quando chego ao parque, o Daniel já não se encontra à minha espera.

Todavia, é como se eu conseguisse vê-lo por entre as minhas lágrimas ardentes: os seus cabelos negros rebeldes na frente do seu rosto bonito, os seus olhos verdes intensos a fitarem-me enquanto ele pede que eu acredite no amor.

Só isso.

Aperto a minha cabeça com as minhas mãos, sabendo que estou confusa. Nunca mais acreditei no amor – talvez eu não queira acreditar –, desde que o Simão morreu, mas agora que o meu coração palpita como jamais palpitou, eu não sei o que pensar, eu não consigo tirar da minha mente o momento que eu e o Daniel tivemos no parque:

— Todas as coisas mais tristes que eu não deveria pensar ocorrem-me, Daniel. Um beijo agri-doce no can-

to da tua boca. Uma lágrima solitária de mim nos teus lábios. Os corpos despidos. O sol. O frio. O calor. Se eu pudesse amar-te, sem partir-te o coração. Tu sabes que eu tenho dificuldades em acreditar no amor, depois que o Simão morreu.

— Fala-me sobre ele, Ariana.

— O que queres que eu te diga? Foi morte súbita. An-dei doente por meses e meses, até te conhecer. Ajudas-te-me muito, mas eu ainda tenho medo. Eu ainda tenho pesadelos. Ele era o meu melhor amigo. Ele era o meu amor. E isso mata-me. Não sei o que mais te dizer. Sinto-me devastada.

— Tu não podes controlar isso, Ariana.

— Ele morreu! — vociferei, fora de mim, alucinada, amedrontada, dilacerada. Quantas vezes berrei esta frase, impotente, aos meus pais, à minha amiga Helena, a mim própria, ao meu psiquiatra, por entre as lágrimas copiosas e desesperadas. Quantas vezes.

O Daniel olhou-me, sem dizer nada.

— Desculpa — pedi, sentando-me num banco de jardim, desamparada. O Daniel pediu-me para eu falar sobre o Simão, e eu desato aos berros. — Desculpa.

— Está tudo bem.

— Não, não está. Eu quero acabar tudo, Daniel.

— Ariana...

Levantei-me, engolindo em seco. Por dentro, sentia-

-me destruída, um quê doida. Não estava nada bem.

Fechei os meus olhos e voltei a abri-los, ganhando coragem, uma coragem assustadora.

— Acabou, Daniel.

Ele recuou um passo, cerrando o maxilar, e eu quase desejei que ele explodisse ali mesmo, gritando-me que eu estava louca, passada da cabeça. Talvez eu quisesse mesmo isso. Talvez eu precisasse disso.

— Ariana, acredita no amor. — Foram as últimas palavras que ouvi, cega pelas minhas lágrimas, enquanto eu me virava, afastando-me, sozinha, no parque.

Sento-me no mesmo banco, a chorar.

Ele devia ter-me impedido, mas, ao invés disso, pediu-me o mais difícil de tudo: que eu acreditasse no amor. Parece quase cruel. Parece tortura.

Continuo a chorar. Sinto-me do avesso, despida de tudo o que, um dia, eu fui.

Há menos de dois anos que o Simão morreu, mas a sensação é a de que foi ontem, hoje, e isso devasta-me, misturando-se com tudo o que eu sinto, pois o Simão levou tudo o que eu era e tudo o que eu tinha – a minha fé, a minha esperança, a minha paz, o meu amor, a minha tranquilidade. Só ficou um sentimento negro e sombrio.

E é cortante.

É doloroso demais.

Levanto-me do banco de madeira e caminho até ao

lago, observando-o sem interesse. Posso estar uma lástima, mas agora não há volta atrás. Não, não há.

Eu tenho o problema de não acreditar no amor.

Eu tenho um dos maiores problemas do mundo.

Talvez, até mesmo, o pior.

CAPÍTULO 2

Pinto desenfreadamente, colorindo a tela com a cor preta. Descarrego a minha fúria e o meu desespero na tinta, pincelando depressa um céu negro, enquanto ouço o som do vento na minha janela. Estou cansada e sei que preciso de descansar, de dormir, mas a noite é terrivelmente nostálgica à minha volta e nada me leva à cama.

Entre o céu negro, pinto uma janela fechada, que me desagrada, por algum motivo, mas continuo. Não estou nos meus dias, nem nas minhas noites. Estou tão nervosa, tão tensa, que paro de pintar imediatamente, levantando-me da cadeira e andando de lá para cá no meu quarto, com a cabeça repleta de pensamentos.

Talvez tenha cometido o pior erro da minha vida.

Quero pensar que não, mas o meu coração não deixa, dizendo-me que eu poderia ter o Daniel ao meu lado neste preciso momento, a apoiar-me, a dar-me o seu ombro.

Deito-me na minha cama e lembro-me do momento em que o conheci, nas escadas da Galeria da Estrela, es-

barrando contra o seu peito largo, enquanto eu carregava pinturas nos meus braços. Deixei-as cair ao chão numa confusão de tinta enlouquecida, e o meu coração praticamente saiu pela minha garganta ao ver o trabalho da minha vida caído nas escadas molhadas pela chuva.

— Oh, estraguei-te tudo — ele lamentou, realmente preocupado, apanhando as pinturas do chão rapidamente e estendendo-as na minha direção. — Peço desculpa.

— Estão intactas — suspirei de alívio, enquanto observava as pinturas uma a uma, com cuidado, examinando-as.

— Não te tinha visto — E olhou-me, como se isso pudesse ter sido o pior erro cometido na sua vida: não me ter visto. — O meu nome é Daniel. Daniel Trindade.

— Ariana — disse-lhe eu. — Ariana Cosme.

— Vais vender as pinturas aqui? — ele perguntou-me, curioso.

— Sim — sorri-lhe.

— Boa sorte — ele desejou-me, sorrindo também.

— Obrigada — continuei o meu caminho, entrando na galeria, e olhei para trás uma última vez, vendo que ele ainda estava lá, fitando-me como se não quisesse que a nossa conversa tivesse terminado ali; poderíamos ter falado mais, e ele, certamente, me teria informado que também pintava, que também era pintor, mas a verdade era que eu estava atrasada para apresentar as minhas pinturas

à proprietária da galeria.

De volta ao presente, levanto-me da cama e decido tomar um banho, mas a ideia acaba por mostrar-se errônea, pois desato a chorar na água que cai do chuveiro.

Merda.

Num impulso, saio da banheira e seco-me, a tremer. Encaro o meu rosto pálido no espelho embaciado e volto a engolir as lágrimas quentes.

Ariana, acredita no amor.

Depressa, enrolo a toalha no meu corpo e saio da casa de banho, molhando o meu apartamento com pegadas húmidas, enquanto corro e apanho o meu *smartphone*; porém, não lhe ligo, nem envio nenhuma mensagem. Desisto da ideia e sento-me no sofá da sala, perdida, inerte. Não sei quanto tempo passa, mas parece uma eternidade, até que a minha amiga Helena Lima chega a casa, encontrando-me num estado miserável e em transe.

— Ariana! — Ela corre na minha direção, agarrando as minhas mãos geladas, apertando-as. — O que tens?

— Acabei com o Daniel — digo, a tremer da cabeça aos pés, com frio, sem gostar do que sinto. — Acabei tudo.

— Calma — Ela enrola melhor a toalha no meu corpo nu, confortando-me. — Por que acabaste com ele?

— Porque estou destruída — respondo, a tiritar. — Estou destruída e não consigo superar a morte do Simão.

A minha amiga olha-me com compaixão.

— Anda vestir o pijama. Amanhã falas com o Daniel outra vez.

— Não posso — nego.

— Anda — ela insiste, ignorando-me, levando-me até ao meu quarto, onde visto o meu pijama e recomponho-me emocionalmente.

— Acabei com o Daniel porque não sei se o amo — declaro.

— Disseste-lhe isso?

— Não, mas ele sabe que eu ia partir-lhe o coração.

— Acho que devias falar com ele outra vez.

Sento-me na beira da minha cama, considerando a possibilidade, porque algo dentro de mim não está bem.

— Ele pediu-me que eu acreditasse no amor.

— E tu acreditas?

— Não... consigo.

— Amiga...

— Tu ouves as noites em que eu choro sozinha. O meu coração está arruinado. Devastado.

— Podes estar com outra crise, uma recaída.

— Não sei — digo. — Talvez.

Ela suspira.

— Vou fazer o jantar para nós. Descansa.

— Está bem. Vou tentar.

Quando a minha amiga sai, deito-me para trás na minha cama, virando-me ao encontro da pintura do céu ne-

gro e da janela fechada. Pintar sempre me alegrou a alma, mas desde que Simão morreu, que tenho pintado um estilo sombrio e melancólico, até mesmo assustador. Não consigo evitar.

Salto da minha cama e abro o meu computador, pesquisando as palavras “morte súbita” no Google, mas eu já sei o que irei encontrar.

Passo horas em *sites* sobre possíveis causas de morte súbita, lendo textos e textos sobre como prevenir.

Caramba, talvez eu esteja obcecada com tudo isto, com a morte do Simão, com a causa da morte dele, e eu pergunto-me se isto será para sempre assim, uma dor que me acompanhará eternamente, por mais que eu não desista de tentar perceber o que aconteceu e de reler os mesmos textos meses após meses.

Meu Deus, talvez eu esteja mesmo obcecada.

Como é que uma pessoa saudável morre de morte súbita? Como é que sofre um AVC, meu Deus?

Porém, se eu soubesse a razão, a dor seria igual?

Ou seria pior?

Seria para sempre?

Só sabemos que ele era saudável.

E sofreu um AVC.

Morte súbita.

ACREDITA NO AMOR

CAPÍTULO 3

Na manhã seguinte, acordo e aperto a cara contra a almofada. Depois de tudo o que aconteceu ontem, terei de encarar o Daniel na galeria, porque também ele é pintor e vende as suas obras lá. Parece ridículo como me esqueci de um detalhe importante.

Eu lembro-me bem quando descobri que ele pintava. Foi num dia de chuva intensa – mais um dia de chuva, como se isso abençoasse, nunca se sabe –, quando regressi para assinar o contrato com a proprietária da galeria. Ele estava no interior, a rubricar o seu próprio contrato, com as suas próprias pinturas, já expostas ao lado das minhas. Foi terrífico.

Ele pintava – pinta – tão magnificamente, que praticamente desmaiei no meu lugar de observadora.

Cidade, pôr do Sol, floresta, luar.

Quatro quadros pendurados ao lado dos meus quatro quadros obscuros e melancólicos.

Era como olhar luz e, depois, escuridão.

Éramos o contraste um do outro – e continuamos a ser, continuamos a ser, eu sei.

Irrequieta, sem gostar desta conclusão, levanto-me e apanho o meu *smartphone* só para ver se recebi alguma chamada ou mensagem dele, mas não vejo nada e volto a pousá-lo na minha mesa de trabalho, onde tenho as minhas pinturas.

Dirijo-me à janela, atrás da qual a luz do sol penetra intensamente, e pergunto-me se o amo ou se estou a tentar enganar a mim mesma fingindo que não o amo por causa do Simão.

Fecho os meus olhos e ouço o meu coração.

Depois de terminar o meu curto relacionamento com o Daniel, não me sinto melhor e, no fundo, eu deveria estar mais leve e mais sossegada, mas é confuso e não há forma de fazer desaparecer os sentimentos caóticos que me atormentam.

Antes que comece a chorar outra vez, viro-me, mas *tropeço* nos meus pés descalços, sentindo que posso desmoronar. Um pequeno som entrecortado escapa-me por entre os lábios.

Porquê?

Ao som entrecortado, junta-se a raiva e a incompreensão cegas. Sem perceber o que faço, agarro o travesseiro e atiro-o, encolerizada, para depois desmanchar a minha cama toda, enlouquecida, puxando os lençóis para fora,

gritando de dor e ira.

Quando me canso disto, sento-me, ofegante.

Estou sozinha.

Fito a pintura do céu negro e da janela fechada e sinto-me ainda mais extenuada, com as lágrimas caindo devagar no meu rosto.

É assim que me ergo, vestindo-me, enfiando umas calças de ganga e uma *t-shirt* pretas, saindo do meu apartamento, à flor da pele, levando comigo a pintura do céu negro, enquanto atravesso a rua, apanhando o metro na estação Casa da Música.

Poucos minutos depois, estou em frangalhos e não sei como cheguei à galeria sem me enganar, ou sem me perder, ou sem desmaiar.

Charlotte White, que é a proprietária da Galeria da Estrela, olha para mim de cima a baixo, avaliando o meu estado deplorável.

— Estás doida — ela observa, ajustando os seus óculos no seu nariz pequeno. — Anda cá beber um chá.

Obedeço-lhe, porque não sei o que fazer, e sigo-a até à porta do seu escritório, entrando.

Lá dentro, o ar condicionado está ligado, pelo que o ambiente está ameno, e eu esforço-me para não chorar, mais uma vez, infelizmente.

— O que é que aconteceu? — a Charlotte questiona, sem rodeios, sabendo de tudo o que acontece na minha

vida. Ou quase tudo.

Fico envergonhada e não sei como responder.

— Terminei com o Daniel — gaguejo, por fim, sentindo-me tonta por ter esta conversa com ela, mesmo após a Charlotte ter-me ajudado muito, desde que vendo as minhas pinturas na sua galeria, há um ano. — Só namorámos três meses, e eu já terminei com ele. Sinto-me doida e confusa. Não sei o que dizer.

— A morte do Simão ainda te perturba? — ela pergunta, oferecendo-me uma chávena de chá quente e alisando o seu casaco Chanel.

— Sim — confesso. — Ainda tenho pesadelos.

— Já falaste com o teu psiquiatra sobre isso?

— Não. Talvez esteja com uma recaída.

— Pode ser. Só o teu psiquiatra saberá dizer-te isso.

Pouso a chávena na mesa dela e fito as minhas próprias mãos.

— Será que algum dia conseguirei ultrapassar esta ausência?

— Questão complicada, mas tens de acreditar que sim — a Charlotte profere, fazendo-me lembrar das palavras que o Daniel pronunciou: *Ariana, acredita no amor*. — Trouxeste um quadro novo.

— É simples — afirmo, encolhendo os meus ombros, pensando que, hoje, talvez, o Daniel não vá aparecer na galeria, mas é imediato o meu engano. Alguém bate na

porta do escritório, e quem é abre-a, revelando metade do seu corpo alto.

— Daniel. Entra.

O clima é tenso.

Bebo mais chá quente e fito a minha pintura sombria, questionando-me se também ele irá usar o estúdio da galeria, e tenho a minha resposta certa assim que percebo que também ele traz uma pintura.

— Bom dia.

— Bom dia, Daniel.

— Só vim cumprimentá-las — ele avisa, sucinto. — Vou para o estúdio pintar.

Não falamos, nem sequer nos olhámos.

Mas, também, não precisámos.

Ele afasta-se.

Sinto um peso grande no meu coração e penso em ir embora da galeria e nunca mais voltar.

Algo assim.

Dói-me mesmo o peito.

Como é que enfrentaremos esta situação?

Isto é tão delicado, que só me apetece fugir, como eu disse, sentindo que estou a desiludir muita gente, muita gente mesmo, incluindo a mim própria, e a Simão.

— Ora, bem, Ariana — começa a Charlotte, cruzando as mãos magras e elegantes. — A vida possui consequências. Achas que aguentas o dia de hoje?

Só o dia de hoje?

— Aguento — minto. Afinal, já aguntei um turbilhão de acontecimentos. — Aguento bem.

CAPÍTULO 4

Entro no estúdio silencioso, com a minha pintura debaixo do meu braço, e o meu coração a mil batidas insanas, e sei que tenho de quebrar o gelo e fazer ou dizer algo, pois como poderemos trabalhar debaixo do mesmo teto depois do dia de ontem? Como poderemos encarar isto sem ser dramático? Tenho, realmente, de quebrar o gelo, repito mentalmente.

— Olá — cumprimento-o, rouca, enquanto me dirijo para a minha mesa de trabalho, pousando a pintura no tampo.

— Olá — ele responde-me, só.

Arrisco um olhar na direção dele e vejo que ele está concentrado na sua pintura. Não percebo o que é, pelo que deduzo que seja algo abstrato, que só ele sabe.

Ainda assim, quero decifrar o que significa, o que retrata, o que está por detrás, mas não consigo.

Sento-me à minha mesa e agarro a minha pintura do céu negro e da janela fechada, colocando-a no atril de ma-

deira, lembrando-me repentinamente de mim própria a correr de volta para o Parque da Cidade sob o sol forte. Quero confessar-lhe isto, que tentei voltar com as minhas palavras atrás, mas não consigo.

Eu não consigo.

Em silêncio, começo a pintar, cautelosa, quando ele interrompe o clima estranho entre nós os dois:

— Eu vi-te — ele afirma, com severidade, assustando-me, e eu ergo o meu rosto, fitando-o, corando. — Voltaste atrás.

Foda-se.

— Por que não fizeste nada, se me viste? — pergunto-lhe, após um instante, baixinho, com a cabeça às voltas.

— Porque vi que não valia a pena.

Fico com raiva — uma raiva sem tamanho nem cor.

— Claro que valia. Eu voltei por tua causa — objeto, dura, completamente furiosa. — Viste-me chorar? — Sinto-me a ponto de explodir. — Não fizeste nada.

— Pois não, Ariana. Só iria complicar, não achas?

— Talvez — admito, arreliada. — Mas não tentaste.

— Queres que tente?

Engulo em seco, sentindo-me cada vez pior com esta conversa.

— Pediste-me que acreditasse no amor.

— E acreditas?

Como não digo nada, ele cerra o maxilar.

— Por isto é que não tentei, Ariana. Tu estás presa ao passado.

— E podes culpar-me? — pergunto-lhe, alto.

— Não — ele responde. — E sabes porquê?

— Porquê? — vocifero, em defesa do meu estado alterado.

— Porque eu amo-te e eu compreendo-te.

Fico sem palavras, vermelha de embaraço, e, encabulada, não consigo dizer mais nada, voltando a pintar, pincelando na tela escura.

— Eu faria qualquer coisa por ti, Ariana, mas tu estás mesmo presa ao passado. E tu sabes isso melhor do que ninguém.

— Acabei contigo porque não sei se te amo, Daniel.

— Três meses significaram algo — ele contrapõe.

— Significaram — admito. — Mas estou sempre a tropeçar no passado, e tu também sabes disso. Mereces alguém melhor do que eu.

Ele levanta-se, de repente, e eu tremo no meu lugar.

— Podia roubar-te um beijo, agora.

— Mas não vais fazer isso.

— Por que pensas que não vou? — Ele aproxima-se, de modo que viro a minha cabeça, olhando-o, vendo-o inclinar-se ao meu encontro, com os seus lábios perigosamente próximos dos meus, que estão em chamas. Ofego, sem me desviar, hipnotizada pelos seus olhos verdes in-

tensos. Ele beija-me suavemente, perdurando o sopro no beijo por um momento, e, depois, afasta-se. Porém, o seu toque leve nos meus lábios não desaparece. — Como vês, fiz, e faria muito mais, Ariana.

Caramba, o que é que se passa comigo?

Não estou nada bem.

— Dá-me um tempo — sussurro, de súbito, por impulso, olhando-o, sem medo, ou com medo, eu não sei.

Eu não sei se o amo, mas também não quero perdê-lo. É só o que me ocorre. Talvez eu seja egoísta.

— Já te estou a dar — ele murmura de volta, para meu espanto e alívio, regressando à sua mesa, onde passa a manhã a pintar, sem falar mais uma palavra, embora eu sinta o seu olhar em mim.

Por dentro, o meu coração pulsa.

Sempre que o sinto fitar-me, pergunto-me...

Será que conseguirei...?

Sei que ele está a olhar-me, neste preciso instante, como se também desejasse saber a resposta, e eu questiono-me...

Será que conseguirei...?

Baixo a cabeça.

Neste momento, a minha resposta é, simplesmente, “acho que não”.

CAPÍTULO 5

DANIEL TRINDADE

Acho que ela conseguirá acreditar no amor – são as palavras que não tiro da minha cabeça, mas que nunca lhe digo, sempre que estamos juntos, ou até mesmo quando estamos separados. Eu tenho a certeza de que isso acontecerá, mais cedo ou mais tarde.

Basta esperar.

Basta que a esperança não morra.

Sim, confesso, estou apaixonado pela Ariana desde o primeiro dia em que me cruzei com ela, nas escadas da galeria, e sei perfeitamente bem que ela pensa que fui contra ela porque não a vi, mas a verdade é que eu vi-a e, precisamente, por vê-la colidi com ela.

Deliberadamente.

Eu só não esperava derrubar as pinturas dela.

Todavia, o destino não me deixou ficar mal.

A sorte protege os audazes.

É por isso que eu não posso aceitar outro fim para nós os dois se não um que seja feliz. Se eu tiver de esperar, eu

espero.

Se eu tiver de estar sem ela, eu estarei.

A esperança não morre.

Nunca.

Se há algo que me descreve é a minha atitude de nunca desistir – mesmo que, por vezes, pareça exatamente isso (que desisti).

Mas não.

É só uma estratégia.

Saio mais cedo da galeria, por tática, obviamente, e deixo Ariana sozinha no estúdio a pintar, despedindo-me dela com um breve adeus. É duro, dói, mas é necessário para chegar ao fim que eu quero.

O final feliz.

Por outro lado, levo-a comigo na memória.

Na rua, caminho, entrando num bar aberto que frequento, puxando o meu *smartphone* do meu bolso das calças quando toca.

Vejo no ecrã que é a minha mãe.

— Como é que estás, filho? — ela pergunta-me, assim que atendo, pedindo num gesto de mão o mesmo de sempre ao *barman*.

— Estou bem. Não te preocupes comigo.

— Claro que me preocupo. Estás apaixonado por uma rapariga complicada, e eu não posso deixar de me aquecer contigo, Daniel.

— Vai correr tudo bem — afirmo, com a certeza disso no meu coração. — Ela só precisa de tempo para si própria, compreendes? Começámos a namorar cedo demais, talvez. — Ainda assim, sinto que começámos a namorar no momento certo.

— Será que o problema é mesmo esse?

— Mãe.

— Ela faz-te sofrer.

— Ela também sofre — aceito a bebida. — Mãe, a sério, eu estou bem. — Bebo um gole de uísque devagar.

— Vou fingir que acredito.

— Podes acreditar — desligo a chamada, focando-me na minha bebida alcoólica, na qual afogo as minhas mágoas, é certo, porque estar sem ela enlouquece-me.

No entanto, é só um copo e pouco me impede de voltar atrás.

Não obstante, foi assim que reagi após Ariana terminar comigo, ontem à tarde, no Parque da Cidade. Bebi. Foi assim que a minha mãe descobriu que eu e Ariana acabámos o nosso namoro, enquanto eu revelava a verdade por meio de uma pequena tontura de uísque.

Foi fácil.

E, ao mesmo tempo, não foi.

Quando acabo a minha bebida, saio do bar para o exterior, reprimindo o desejo de voltar à galeria.

Eu poderia beijá-la, enquanto este sol infinito aquece;

eu poderia reclamar os seus lábios só para os meus, esquentando-os.

Eu poderia abraçá-la e dizer-lhe o que significa a pintura na qual ela me vê trabalhar, olhando para a tela tantas vezes, que eu me pergunto como é que ela ainda não entendeu ou descobriu.

É tão fácil.

Mas ela está presa ao passado.

Desde que a conheço, há um ano, que só a testemunho pintar melancolias e pesadelos, como se ela não conseguisse livrar-se, precisamente, do passado, ou como se não quisesse.

Agora que penso melhor, talvez ela não queira, e isso dói. Dói muito.

Porém, não posso ser egoísta, nem olhar só para dentro de mim, pois nunca saberei o que é estar sob a sua pele, mas posso compreendê-la, que é o que venho fazendo, desde que ela me contou sobre a morte do seu antigo namorado. Se até nos meus olhos brilharam lágrimas, não posso imaginar o sofrimento dela, que nunca mais acreditou no amor.

E aí é que está o verdadeiro problema.

E eu gosto de resolver problemas.

Dou comigo à porta do meu prédio e entro, sabendo que a minha mãe está a trabalhar e que estou sozinho. É outra pura verdade dita por meio do álcool, pois o meu pai

faleceu há três anos, de doença. Isto é quase equiparável à morte do Simão, porque trata-se de um ente querido, mas não pode ser exatamente igual.

Tiro a roupa e visto um fato de treino, acendendo a aparelhagem de som numa música *rock coração partido*.

Uma parte de mim deseja pedir mais explicações a Ariana, explicações mais profundas e satisfatórias, porque trata-se de amar, aprender a amar outra vez, a não ter medo do amor; e perguntar-lhe porque desistiu de nós – se temos tudo para dar certo, embora não pareça –, mas, então, lembro-me que ela pediu um tempo e sossego.

Isso vai de encontro à estratégia.

Eu e ela podemos ser felizes, se ela der luta.

Quando namorávamos, eu sentia o sentimento delicado que provinha dela, do coração dela, mesmo que partido e a reconstruir-se, e nada poderá apagar isso da minha memória. Não se tratou de nenhuma fantasia ou de uma imagem criada na minha cabeça. Foi eu e ela, unidos nos nossos beijos, nos nossos abraços, nas nossas gargalhadas.

Arrancar-lhe gargalhadas é o que mais me dá prazer e paz. Ouvi-la rir, de surpresa, de súbito, com os olhos dourados a cintilar de alegria e divertimento. Isso foi muito mais importante do que fazermos sexo.

Contudo, nunca tivemos sexo, nunca fizemos amor, mas nunca estivemos tão mais juntos do que quando estivemos. É por isso que penso que ela esteja com uma re-

caída, embora eu não a tenha “aconselhado” a frequentar o seu psiquiatra, porque eu não sou médico, nem quero complicar tudo ainda mais. Além disso, estou descansado de que a amiga de Ariana a ajudará e tenho a certeza de que a orientará bem.

É por isso que estou mais ou menos calmo quanto à saúde mental dela.

É por isso que sei que os céus negros dela são a arte pela qual ela se expressa quanto ao que sente, para manter a sanidade mental.

Eu também faria o mesmo.

Contudo, desde que eu soube sobre o Simão, que tenho pintado o contrário do que ela retrata. Uso cores vivas, cenários pitorescos, fantasias confortáveis, de segurança emocional, cenas sem dor, sem angústia ou sofrimento. Pinto estabilidade, que quero-lhe transmitir.

E sei que ela já reparou, embora esta última pintura a esteja a confundir por ser abstrata. Contudo, a obra está muito incompleta.

Na verdade, só estará completa quando a Ariana perceber o seu significado.

É só assim que ficará completa...

Quando ela se despedir do seu passado.

E decidir viver.